

CIÊNCIA É COMUNICAÇÃO?*

Sim, e em dois sentidos.

Ciência é uma tentativa de comunicação com o desconhecido – um esforço para trazer o desconhecido para o lado do conhecimento.

Ciência é também comunicação com os outros seres humanos – comunicação desse conhecimento. E entre os referidos seres humanos, podemos ainda fazer a distinção entre os colegas, os outros agentes da ciência, pois que não se pode fazer pesquisa, e obter resultados credíveis, isoladamente; e os restantes cidadãos, que são em última análise os destinatários desse conhecimento e das suas aplicações, no sentido de tornar a vida de todos mais vivível e mais feliz.

Postos estes princípios evidentes, poderíamos desenvolvê-los, perguntando por que é que a ciência não é mais vezes comunicação, precisamente numa sociedade que valoriza tanto uma e outra. Por que é que a ciência e a comunicação estão mais vezes de costas voltadas, do que unidas no mesmo movimento? Por que é que tantos cientistas se queixam de que se sentem encerrados num casulo, apesar de toda a gente elogiar a interdisciplinaridade? E por que é que o público, em geral, tem tanta dificuldade de aceder à ciência, sobretudo quando se passa das generalidades ou das apresentações sedutoras, a um maior grau de complexidade? Qual a responsabilidade dos “comutadores” deste processo (o de ligar os cidadãos à cultura científica, tão deficitária ainda), ou seja, dos jornalistas, dos professores, dos responsáveis pelos museus e outros dispositivos comunicacionais? A(s) resposta(s) daria(m) pelo menos para um livro!

Na impossibilidade de escrever aqui o livro, vou apenas formular um conjunto de ideias-base.

Comunicar com o desconhecido, e tentar aprender, não é só um processo lúdico; é também difícil, e envolve esforço. Um ensino que não treine a força de vontade não vai lá.

O regime inter e transdisciplinar concilia-se mal com as corporações e “capelinhas”: enquanto não houver uma avaliação justa e isenta do trabalho científico, não descriminando ninguém, e colocando todas as ciências ao mesmo nível de dignidade, também não se vai lá.

Enquanto se pensar (ou quiser fazer pensar) que ciência e política não têm nada a ver uma com a outra, e que o conhecimento e a vida em geral (incluindo a comunicação) são duas esferas separadas, também não se compreende, nem muda, nada. O saber, a sua construção, e a sua comunicação são, como todos os outros domínios sociais, campo(s) de poder(es), e não espaços angélicos. O que se visibiliza e o que se não visibiliza não têm,

* Pergunta feita pelo Museu dos Transportes e Comunicações, do Porto, a um conjunto de investigadores, no quadro da Exposição “Comunicação do Conhecimento e da Imaginação” (2002). Aqui se reproduz a minha resposta (V.O.J.).

muitas vezes, a ver com o valor próprio, mas com redes de influência que fazem com que uns triunfem e outros não. E essa discriminação é uma forma de violência disfarçada, que não é justa, não é democrática – é primitiva. A ciência e a comunicação deveriam lutar permanentemente contra ela, em nome da partilha e fruição do conhecimento e da realização inteira do maior número de cidadãos.

Finalmente: é fundamental educar os nossos jovens para a sociedade de comunicação de massas: ou seja, fazer-lhes compreender que o conhecimento é um processo lento, mas que a comunicação (por exemplo, na TV) obedece a outros ritmos, e que um (tempo do amadurecimento) e outro (tempo da mensagem) não são inconciliáveis. Pelo contrário: é quando explicamos as coisas aos outros, de um modo diferente do habitual, que nos confrontamos com o nosso imenso desconhecimento. O que pode ser muito estimulante.

Janeiro de 2002.

Vítor Oliveira Jorge